



Recebido em:
07/07/2017
Aprovado em:
08/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

O LUGAR DO ALUNO: ESPAÇOS E LIMITES QUE CONTRIBUEM PARA O DESENVOLVIMENTO

CLÁUDIA SANTANA SANTOS
ROSANA CARLA DO NASCIMENTO GIVIGI

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

RESUMO:

A escola é um meio de relações sociais, organizada por distintas figurações sociais, cada grupo com papéis peculiares com o objetivo maior de contribuir para o funcionamento escolar. Diante de todas as funções historicamente (re)construídas, busca-se entender o lugar ocupado pelo aluno a partir das figurações existentes na sociogênese escolar e a forma como esse lugar influencia na formação do aluno. Trata-se de um estudo de caso, do tipo observacional explicativo e se propõe a uma análise pela teoria figuracional de Norbert Elias. Foram analisados dados de três episódios, ocorridos em uma sala de aula de educação infantil e espaços livres da escola. Como resultados destacam-se: a coerção como controle; o lugar do *outsider* ao aluno; a presença de relações mutáveis. Conclui-se, que por ser referência do aluno, o professor deve refletir sobre suas práticas e conhecer o impacto de suas ações.

Palavras-chaves: Aluno. Figurações. Sociogênese.

ABSTRACT:

The school is a means of social relations, organized by distinct social representations, each group with peculiar roles with the greater objective of contributing to the school operation. In view of all historically (re) constructed functions, it is sought to understand the place occupied by the student starting with the existing figurations in the school sociogenesis and how this place influences the student's formation. It is a case study of the explanatory observational type and it is proposed to an analysis by the figurative theory of Norbert Elias. Were analyzed data from three episodes that occurred in a classroom of children's education and free spaces of the school. The results highlight: coercion as control; The outsider's place to the student; The presence of mutable relations. It is concluded, that being a reference of the student, the teacher should reflect on their practices and know the impact of their actions.

Keywords: Student. Figurations. Sociogênese.

INTRODUÇÃO

Certo dia uma estudante relatou que falava baixo na sala e tinha pouca participação porque tinha receio de ser repreendida pelo professor, quando questionada se já havia passado por isso ela falou que não, mas temia que isso acontecesse. Isso nos inquieta, pondo-nos a pensar sobre as marcas que determinadas atitudes apresentadas pelo professor deixam nos alunos, como tais ações delimitam os espaços e contribuem no desenvolvimento infantil.

O Decreto de nº 54.453 de outubro de 2013 anuncia que a escola contemporânea é constituída de diferentes equipes, a gestora, docente e de apoio, cada uma com distintas funções, mas com um objetivo comum, o funcionamento

escolar.

As distintas funções sociais existentes na escola são fruto de uma sociedade desenvolvida, que acarreta em várias especializações. Isso já é discutido por Elias (1990) quando começa a discorrer sobre os processos de formação da sociedade civilizada, mas só em 1993 volta-se a estudar uma sociedade já evoluída, expondo as distintas mudanças na configuração social eliciada com a evolução da sociedade, acompanhada por variadas necessidades, culminando em diferentes cargos e funções interligadas.

Para Celio Sobrinho e Alves (2013), as novas configurações permitidas pela sociedade contemporânea envolvem relações de poder e nas interações os sujeitos transformam e são transformados.

Nesta perspectiva, para Elias (1993), existe uma relação de interdependência entre essas funções, mas sempre havendo controle de pulsões, levadas por funções superiores que determinam comportamentos de acordo com o ritmo das relações. Estas por sua vez não são independentes, mas interligam-se como teias contribuindo na formação pessoal e no controle de pulsões dos sujeitos.

Dentro da teoria eliasiana, há defesa de que a formação ocorre dentro de uma relação espaço-tempo, assim convivemos com pessoas de distintas épocas que carregam novos e antigos valores e assim como toda relação esta carrega tensões, levada pelos distintos valores e perspectivas, neste processo os sujeitos adquirem distintas aprendizagens, contribuindo para sua individualização, mesmo dentro das relações sociais. (ELIAS, 1994).

Nessas relações, segundo Landini (2005), as figurações se processam, contribuindo para formação do sujeito, conceitos e conhecimentos. Igualmente, a sociogênese vai formando a psicogênese, dentro de relações de poder, que não são unilaterais. (ELIAS, 2012)

Neste aspecto, este trabalho se propõe a entender o lugar ocupado pelo aluno a partir das figurações existentes na sociogênese escolar. Reconhecendo as funções históricas que compõe a sociogênese e partindo da premissa de que as relações são mutáveis, relacionadas ao ritmo e tensões geradas. Destarte, qual lugar ocupado pelo aluno dentro desta sociogênese e o impacto no seu desenvolvimento

METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Sergipe, aprovado pelo comitê de ética e pesquisa com CAAE 60458716.0.0000.5546 e parecer 1.807.679.

Os dados aqui contidos foram retirados do banco de dados construído por gravações colhidas durante observação participante, que até o momento soma oito (8) observações em sala de aula; além disso, o banco de dados também é composto por registros em diário de campo durante a observação da rotina, em espaços livres, de uma escola municipal do interior de Sergipe, num total de cinco (5) observações para este fim, totalizando três meses de coleta e contando como participantes da pesquisa a professora J. e seus vinte e cinco (25) alunos da educação infantil.

Os recortes de fala presentes no texto foram obtidos através de transcrição dos registros, transcritos em ortografia regular e dispostas em tabela para posterior análise qualitativa dos dados. As falas foram direcionadas através das iniciais de cada nome dos envolvidos no episódio.

Trata-se de um estudo de caso único, do tipo observacional explicativo, que se propõe a uma análise qualitativa através da teoria figuracional de Norbert Elias. Todos os participantes foram esclarecidos quanto a pesquisa e realizaram autorização previa da divulgação dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender o lugar ocupado pelo aluno a partir das figurações existentes na sociogênese escolar serão usados episódios da sala de aula da professora J., da Educação Infantil, de alunos de 5 anos. Sua sala é configurada por algumas regras, sendo a cada aluno atribuído a função de manter a limpeza da sala e apenas ouvir durante sua explicação. Os relatos selecionados retratarão duas situações de transgressão das regras, e ações presenciadas dentro do espaço escolar.

“J: Vocês vão ficar sem recreio se não parar a zuada ((1 segundo de silêncio até que a primeira criança comece a puxar assunto e voltem a falar alto, por vezes é necessário que J. chame a atenção diretamente ao aluno))

J: Ei olhe, atenção ((a conversa continua)) olhem para mim, E., A.B, olhem para mim ((ainda tem alunos conversando)) psiu, psiu ((a turma para mais)). Ói, prestem atenção, vou esperar o silêncio de Fe. /.../ ((J. volta-se ao quadro e começa a apagar a atividade ali escrita))

Fe: Vixi Maria, acabou meu tempo

J: Foi, você demorou demais, conversou demais /.../” (10/04/17: Diário de campo e transcrições)

Essa situação nos faz refletir sobre as relações e tensões que surgem dentro da sala de aula, para J. a manutenção de sua função está atrelada a necessidade dos alunos em si colocar de prontidão a ouvir sua explicação, diante das tensões geradas e devido ao não cumprimento de sua ordem só resta a represália oral, chamando atenção e expondo os alunos que a estavam impedindo.

Nesse momento vemos uma relação de poder verticalizada, na qual, cabe aos alunos apenas a escuta e ao não cumprimento de ordens resta a punição, nesse caso a atividade exposta no quadro foi apagada, julgando-se que o tempo dado fora suficiente para que todos fizessem suas atividades. Nessa relação, ao aluno cabe o lugar do *outsider*, como colocado por Elias e Scotson (2000), lugar esse delimitado pelo professor, classe estabelecida.

Elias (1990) afirma que, com a mudança na sociedade e os novos costumes de civilização, as novas configurações sociais exigiam maiores cuidados e costumes, adaptando assim os comportamentos e com eles novos sentimentos aparecem, a vergonha, utilizado para o processo de coerção.

Ao chamar atenção verbal de seus alunos, J. abre a possibilidade da emergência de vários sentimentos, como o pudor, a vergonha e o medo, como citado pela aluna relatada logo no começo desse trabalho, embora este comportamento de J. seja intencional para a manutenção da ordem, as reações a tais comportamentos podem ser várias, inclusive a recusa em participar da aula, além da baixa autoestima.

Sabemos que as relações são mutáveis, suas reações estão associadas ao ritmo e tensões geradas nas teias de relações, muitas vezes imprevisíveis e não planejadas; reconhecemos a necessidade da escuta para a formação do aluno em uma metodologia tradicional, mas o episódio nos mostra que nessa situação, a relação de poder foi unilateral, cabendo aos alunos apenas o cumprimento de ordens.

((Depois de várias tentativas de fazer com que Mt (aluno) fosse pegar o pano para limpar o que havia sujado, J. resolve chamar a diretora Ev.))

*J: Eu pedi para ele limpar esse chão Ev. que ele sujou. Ele traz água, ele não consegue se organizar e nem traz toalhinha, aí ele seca toda hora, eu já perdi as contas de quantas vezes já falei com ele hoje para que ele seque a carteira, ele mela tudo, é dele. Ele pega a fanta e derramou, sem querer é claro. Eu pedi que ele fosse, a mais ou menos 20 min atrás, buscar um pano para limpar, por aqui é assim, quem sujou limpa, seja ele ou seja qualquer outro /.../ “Não vou, não vou, não vou”. Por isso que eu chamei alguém da coordenação, para explicar a Mt que **quando o professor falar tá falado, tá falado.**” (27/03/17. Diário de Campo e Transcrição)*

Embora a teoria eliasiana defenda que as relações são mutáveis, o que se observa no recorte acima é que a tensão gerada por Mt. (aluno) ao fragilizar a autoridade de J. culminou em uma reação não planejada, distinguindo os lugares assumidos por cada membro dessa sociogênese, a Mt. cabia nesse momento a submissão, causada pelo acúmulo de poder entre duas funções também históricas, o professor e o diretor. Para tanto, o aluno assume o lugar do *outsider*, espaço delineado por quem tem maior poder, o professor e o diretor, cabendo ao aluno apenas cumprir regras e ordens.

Essa posição colocada a Mt., por sua vez, assim como a relação estabelecida (relação de poder vertical), para Rios e Schraiber (2011) influência de forma significativa na formação do aluno, suficiente para aproxima-los ou afasta-los de seus objetivos.

Monteiro e Freitas (2014), ao estudarem os processos de significação revelam que estas estão presentes na sala de aula em todas as interações estabelecidas, sejam elas harmônicas ou não, contribuem para a elaboração de sentidos para os alunos e professor. Desta forma, cada relação estabelecida promove uma significação que conseqüentemente contribui para o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento dos envolvidos. Isso pode ser bem visualizado no fragmento abaixo.

*“Do hall ouvia uma professora que gritava por um aluno, chamando-o a atenção pela conversa apresentada em sala. Nesse momento, não dispensava as palavras, municiando em expressões depreciativas, chamando-o de insuportável e chato, momento em que a turma toda se calava, não se ouvia mais nada além da voz do professor que adentrava no espaço e se perdia. Esse comportamento persistiu em vários momentos em que estive no hall, com o propósito de acompanhar a rotina da instituição. Até que certo dia, ao assumir o mesmo comportamento, agora com uma menina, e a voz dos alunos se perderem, ressurgiu uma voz que diz **“Eu to melhorando né professora”**. Em outra ocasião, os próprios alunos começam a se controlar, repreendendo aqueles que conversam em sala, pedindo silêncio e se achando no direito de, em tom de briga, solicitar o tão almejado breu comunicativo.” (06/03/17- Diário de campo)*

Nesse recorte se torna evidente as marcas deixadas pelo adulto na criança, e com atitudes civilizatórias reprime, envergonha, auxiliam na individualização do sujeito (ELIAS, (1990; 1993; 1994) moldando-os dentro de valores considerados mais adequados. Mas, mais adequados para quem

Por vezes, o lugar do aluno está marginal dentro da sociogênese e configuração assumida na instituição, cabendo a ele apenas a assimilação de conteúdo, todavia, para Asbahr e Nascimento (2013) cabe a educação proporcionada pela escola estender o desenvolvimento do estudante, mas será que isso que está sendo feito

Acreditamos que a verticalização do poder, a imposição de determinadas formas de ser e agir afaste essas crianças do processo de aprendizagem.

Para Cruz (1997) *apud* Loures e Souza (2009), o maior malefício para os alunos diante do autoritarismo do professor é a queda da autoestima, repercutindo no âmbito escolar e pessoal. No entanto, no relato de experiências realizado pelos os autores, todos os momentos vividos em sala produziram subjetivações, embora a escola venha a ser considerada periférica. Essa subjetividade aparece em vários momentos discursivos, auxiliando na formação pessoal e profissional de cada sujeito seja sobre o que ser e até sobre o que não ser, permitindo, portanto, a determinação de novos sentidos, sempre reproduzindo dicotomias.

Assim, finalizamos com as ideias de Loos-Sant’Ana e Gasparim (2013), que reforçam que as relações adulto-criança são referenciais para a construção da personalidade e assim, defendem o repensar das práticas educativas, tendo em mente a análise das interações dentro da sala de aula pelo professor, e assim, ao saber que são referências para seus alunos saibam escolher suas ações, palavras e atitudes com seus alunos.

CONCLUSÕES

Os discursos nos faz refletir sobre esse lugar do aluno conhecido pelos membros da instituição, que através de coerção, controla pulsões e esta vai refletindo no desenvolvimento de cada sujeito.

Desta forma questionamos, que criança é essa que está sendo formada Trata-se de sujeitos submissos Será que (re)conhecem e respeitam os limites e posições desempenhadas pelos membros Será que existem outros modos de colocar limites Cremos na necessidade dos limites e do entendimento do respeito, mas acreditamos que há outras formas de assim fazer, formas estas que envolvem o aluno em um lugar ativo. Para tanto, sabemos do lugar assumido pelo professor, sua condição em aproximar e afastar as crianças do processo de aprendizagem e reconhecer que dentro das relações o saber não se restringe apenas ao professor, mas também ao aluno, que pode guia-lo quanto ao melhor método de ensino, e a todo momento demonstra que as relações são mutáveis e é necessário aprender a lidar

com distintas tensões, sem comparações, mas ações.

Com isso, apenas sugerimos que as práticas sejam (re)pensadas, não apenas em termos de conteúdo, mas também em ações, sabendo que qualquer relação gera processos de significação e assim podem contribuir para a formação dos sujeitos ativos, o que inclui professor e aluno.

REFERÊNCIAS:

ASBAHR, F.S.F; NASCIMENTO, C.P. Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na teoria histórico-cultural. **Rev. Psicologia: ciência e profissão**, v.33, n.2, p. 414-427. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 54.453, de 10 de outubro de 2013**. Fixa as atribuições dos profissionais de educação que integram as equipes escolares das unidades educacionais da rede municipal de ensino. Diário Oficial da cidade, São Paulo, SP, 11 out. 2013, n. 194, p. 1.

CELIO SOBRINHO, R; ALVES, E.P. A relação família e escola em um contexto de escolarização do aluno com deficiência: reflexões desde uma abordagem sociológica figuracional. **Educar em revista**, n.49, p. 323-338, jul./set. 2013.

ELIAS, N. A civilização dos pais. **Rev. Sociedade e Estado**, v.27, n.3, p. 469-93, set./dez. 2012.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 174.

_____. **O Processo Civilizador: A formação do estado e civilização**. Trad. Sob a direção de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2. p. 308.

_____. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Trad. Sob a direção de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1. p. 264.

ELIAS, N; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e revisão técnica, Frederico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 224p.

LANDINI, T.S. A sociologia processual de Norbert Elias. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR - TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9., 2005, Ponta Grossa. **Anais...** Paraná, 2005.

LOOS-SANT'ANA, H; GASPARIM, L. Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos. **Educação em revista**, v.29, n.03, p. 199-230, set. 2013.

LOURES, M; SOUZA, V.L.T. O lugar da escola pública na subjetividade de ex-alunos da Vila São Nazi. **Psic. Da Ed.**, v. 29, 2º sem., p. 117-137. 2009.

MONTEIRO, M.I.B; FREITAS, A.P. Processos de significação na elaboração de conhecimentos de alunos com necessidades educacionais especiais. **Educ. Pesqui.**, v.40, n.01, p. 95-107, jan./mar. 2014.

RIOS, I.C; SCHRAIBER, L.B. Uma relação delicada: estudo do encontro professor-aluno. **Interface-Comunic, Saúde, Educ.**, v.15, n.36, p. 39-51, jan./mar. 2011.

SEM RODAPÉS